

A LINGÜÍSTICA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Augustinus Staub

A Lingüística, pelo que podemos observar, tornou-se, entre os Professores de Linguas, o tema do momento. É assunto de conversa nas reuniões formais e informais e reclama o seu espaço justo nas revistas e periódicos. Podemos dizer que chegou a "hora e a vez" da Lingüística.

Até ontem estávamos convencidos de que um conhecimento profundo da língua a ser ensinada conferia as credenciais de professor. Admitíamos que um conhecimento da literatura da língua estrangeira a ser ensinada, garantia o sucesso didático.

Os tempos evoluíram, ou, graças a Deus, nós evoluímos com o tempo. Chegamos à conclusão sadia de que o estudo de uma língua estrangeira e o estudo da literatura respectiva, não mais constituem um programa de preparação suficiente, para os futuros mestres. Matérias didáticas e pedagógicas, de uns anos para cá, vêm tendo aceitação ampla. A Lingüística, pouco a pouco, está conquistando o seu lugar merecido.

Muitos esperam o impossível da Lingüística. Alguns esperam o próprio milagre. Fala-se mesmo em método lingüístico. Queremos deixar bem claro que a Lingüística não é um método. É, antes de tudo, como diz Mouton, "um corpo de conhecimentos e uma teoria" ¹. Apesar de oferecer respostas valiosas a muitas perguntas que surgem no ensino dos idiomas estrangeiros, certamente não terá solução para todos os problemas.

No nosso trabalho não queremos promover a Lingüística de um modo inútil. Queremos, antes, dar uma idéia bastante exata da importância das descobertas lingüísticas, da utilidade de sua aplicação e, de modo especial, do seu papel na formação de professores de idiomas estrangeiros.

A primeira pergunta. Que é que vem a ser um lingüista? É o "Linguistic Reporter"² que nos dá a resposta dizendo que um lingüista é uma pessoa qualificada, pelo treinamento e experiência, de efetuar trabalhos como:

1 — descrever, de um modo completo, os sons, formas e vocabulário de uma língua, incluindo línguas que até hoje não tiveram sistemas de escrita;

2 — comparar dois ou mais sistemas lingüísticos entre si, a fim de descobrir as relações entre os mesmos;

3 — determinar a natureza e o alcance das variações dialetais de um determinado sistema lingüístico;

4 — estudar a história dos sons, formas e vocabulário de uma língua;

5 — desenvolver teorias gerais de lingüística.

Além das atividades acima mencionadas, o Lingüista poderá dedicar-se:

1 — à preparação de análises contrastivas entre duas línguas a fim de descobrir os pontos de semelhança e os pontos divergentes que possam servir de base à preparação de material didático;

2 — à preparação de livros textos, baseada sobre análises contrastivas;

3 — à preparação de exames de proficiência;

4 — à análise do sistema de escrita convencional de uma língua a fim de descobrir as suas relações com a pronúncia e a gramática;

5 — à preparação de materiais de alfabetização;

6 — à orientação dos governos na política lingüística a seguir nos países de sua influência ou nos países de sua amizade.

Nos últimos anos, certos Lingüistas iniciaram uma série de trabalhos em relação a outras disciplinas, tais como a Antropologia, já longamente associada à Lingüística, a Lingüística Social, a Psicolingüística, a Lingüística Matemática, a Lingüística Computacional, etc.

O vasto programa lingüístico, apresentado acima, é capaz de entreter a existência de um especialista.

Cabe-nos aqui a difícil tarefa de indicar uma série de pontos lingüísticos que poderão constituir um programa de um curso de formação de professores de idiomas estrangeiros.

Que formação lingüística vamos dar aos candidatos ao magistério? Destacamos: o professor de línguas estrangeiras:

1 — deve ser capaz de compreender e interpretar as descobertas dos especialistas no que se refere à descrição de sons, formas e vocabulário da língua materna do aluno e da língua estrangeira a ser ensinada;

2 — deve ser capaz de comparar os vários níveis de estrutura da língua materna do aluno, com os vários níveis de estrutura da língua estrangeira a ser ensinada, ou, pelo menos, de compreender análises comparativas já existentes;

3 — deve estar ao par dos dialetos do português falado no Brasil e dos problemas que os mesmos podem causar no ensino de uma língua estrangeira;

4 — deve estar ao par das principais teorias lingüísticas que serviram de base para os trabalhos lingüísticos surgidos nos últimos tempos.

Qual o verdadeiro lugar da lingüística em relação ao professor de línguas estrangeiras?

Os Inglêses crêem com Strevens que o lugar da Lingüística é "behind the classroom teacher"³. . . E continuamos dizendo que aqueles que preparam os livros textos, os livros de exercícios, os testes, etc., devem ter uma compreensão da linguagem e um conhecimento, pelo menos, de uma das três teorias lingüísticas, dominantes na atualidade, e que servem de base:

1 — à gramática fonêmica-morfêmica;

2 — à gramática generativa-transformacional;

3 — à gramática estrutural.

Onde é que devemos dar a formação lingüística necessária aos futuros mestres de idiomas estrangeiros?

As Faculdades de Filosofia, Faculdades de Letras, Institutos Centrais de Letras ou Instituições semelhantes são, sem dúvida, os lugares mais indicados para o treinamento de professores de idiomas. Sugerimos que as universidades contem, não somente com a colaboração de ótimos lingüistas, mas de elementos que possam aplicar a Lingüística numa sala de aula, a fim de que os candidatos ao magistério possam ver, de perto, o valor e a utilidade da Lingüística.

A situação da lingüística nas universidades do país, não é das mais promissoras. Um ou, às vezes, dois semestres de lingüística geral, são ministrados a todos os alunos de letras, nem sempre, reduzidos em número.

Já vimos há pouco que a compreensão dos sistemas fonológico, morfológico e gramatical é absolutamente necessária a um professor de idiomas. Perguntamos se, com cem ou mesmo duzentos alunos de Letras, numa mesma sala de aula, ainda existe a possibilidade de um treinamento fonético, de um trabalho controlado de morfologia ou de gramática? Numa conferência, pronunciada na Universidade de Brasília em 1966, o professor Palmer afirmava categoricamente:

"A fonética ainda é a base da Lingüística".

E acrescentamos: Sem fonética não há fonêmica, sem fonêmica não há morfologia, nem morfo-fonêmica, nem gramática.

É claro que nós lingüistas não nos resignaremos diante da situação vigente. Se um ou dois semestres de Lingüística não nos oferecem o tempo suficiente para uma formação básica, urge um esforço no sentido da obtenção de mais um ou dois semestres de Lingüística aplicada.

Para o consôlo de todos podemos afirmar que algo já está sendo feito neste sentido. Na Sedes Sapientiae de São Paulo, o professor Gomes de Matos já conseguiu mais 2 semestres de Lingüística Aplicada. O Departamento de Lingüística da Universidade de Brasília, com os seus cursos de Lingüística Geral para os alunos regulares de Letras, curso de mestrado em Lingüística, está ministrando um curso de Lingüística Aplicada aos alunos de Pós-graduação de Inglês.

A primeira iniciativa em favor da Lingüística aplicada ao ensino não coube às Universidades do País. Nos cursos de treinamento para professores de Inglês, ministrados nos "Binational Centers", a Lingüística já vem tendo o seu lugar de destaque desde 1950.

O Instituto de Idiomas Yázigi vem batalhando oficialmente em favor da Lingüística desde 1965.

A Casa Thomas Jefferson de Brasília iniciou, em 1967, um curso de treinamento para Professores de Inglês. Num curso de dois anos de duração, a Lingüística foi contemplada com o espaço consolador de 3 semestres. A universidade de Brasília tomou a si a elaboração do programa que, em poucas linhas, pode ser especificado como segue:

1.^o semestre: Lingüística Geral;

2.^o semestre: Lingüística Portuguêsa e Inglêsa;

3.^o semestre: Comparação dos sistemas lingüísticos do Inglês e do Português, aplicada ao ensino do Inglês.

Teremos que convencer as autoridades escolares, governamentais e universitárias, que um professor com treinamento lingüístico leva uma vantagem acentuada sobre outro professor sem o mesmo treinamento. E quais são estas vantagens? Tentaremos enumerar algumas entre tantas:

1 — O professor de idiomas, lingüisticamente treinado, poderá através de padrões estruturais individuais, dar ao aluno uma visão da estrutura total de um sistema lingüístico.

2 — O professor lingüisticamente treinado, sabe escolher, entre tantos, o melhor livro texto. E por melhor livro texto entendemos aquele que de fato apresenta as lições baseadas em descrições fonológicas, morfológicas e sintáticas que refletem a realidade lingüística.

3 — É o professor com treinamento lingüístico que pode informar os alunos, se um determinado dialeto é ou não é aceitável.

4 — O professor lingüisticamente treinado, pode dar uma definição objetiva daquilo que o falante nativo reconhece como "certo" ou não.

5 — O professor lingüista sabe que um sistema lingüístico é uma instituição social e que uma língua é estável e adaptável como qualquer outra instituição social. Sabe, em consequência, que as convenções lingüísticas são obrigatórias enquanto duram.

6 — O professor de idiomas, com formação lingüística, não ignora que a função da linguagem é uma função atual e que a função de conservar para a posteridade, é uma função acidental. Exigir uma língua estática parece-lhe algo de inconcebível.

7 — O professor lingüista, treinado em abordar um sistema lingüístico sem preconceitos, pode reorganizar eficientemente o material que certas gramáticas tradicionais já apresentam.

8 — Uma boa formação lingüística indica ao professor de idiomas, o porquê da importância da língua falada. Só nela encontra todos os sinais portadores de significado tais como os fonemas de altura, acentuação, junctura, etc.

9 — A língua falada, na sua opinião goza de supremacia absoluta sobre a língua escrita e os sistemas alfabéticos dependem, em última análise, do sistema sonoro de uma língua.

10 — Também reconhece, que um sistema de escrita, mesmo com os seus sinais de pontuação, jamais simboliza todos os componentes que contribuem para o significado da fala.

11 — O professor lingüista pode explicar a articulação de certos sons, peculiares à língua estrangeira que ensina, e organiza exercícios didáticos, capazes de auxiliar o aluno, nos problemas de pronúncia.

12 — O professor de idiomas estrangeiros, lingüisticamente treinado sabe que o estilo coloquial e o estilo formal diferem na estrutura da frase, e admite que o primeiro apresenta construções ignoradas pelo segundo.

13 — Os professores lingüistas podem, num futuro próximo, influenciar a lexicografia. Dicionários, em geral, são escritos, tomando como base, dicionários já existentes. Os professores lingüistas poderão fornecer aos lexicógrafos, novas descobertas referentes ao significado, à natureza da sílaba, dos vocábulos, etc.

14 — No campo da crítica, um professor lingüisticamente orientado, pode livrar-se do subjetivismo crítico, que, através da história já relegou, para um segundo plano, certos autores de reconhecidos méritos. Uma orientação científica pode tornar a crítica literária, um reflexo do valor intrínseco das obras dos autores.

15 — O professor lingüisticamente treinado, pode, com os tempos, estar de posse de uma técnica científica, capaz de ajudá-lo a definir, com precisão, o estilo. Esta técnica científica, poderá auxiliar os mestres num estudo comparativo de autores, universalmente aclamados como grandes, e descobrir, qual o denominador comum, encontrado nêles, capaz de refletir aquilo que podemos chamar de "bom estilo". Não nos iludamos. Nas nossas escolas, os melhores autores são os autores preferidos dos mestres.

16 — O professor lingüista sabe muito bem que o seu treinamento é utilíssimo na solução de inúmeros problemas que surgem no ensino de uma língua estrangeira, e que, apesar de sua grande utilidade, não tem soluções para todos os problemas que podem surgir. Sabe também, que a Lingüística, per se, não unida a um bom conhecimento da língua estrangeira a ser ensinada, e uma dose considerável de bom senso, não habilita ninguém à árdua tarefa do magistério.

17 — O professor com treinamento lingüístico pode comparar dois ou mais sistemas lingüísticos, com o propósito de descobrir os pontos semelhantes e os pontos divergentes, de importância capital para o ensino. Lado já frisou a importância desta capacidade comparativa ao afirmar:

“O aluno não aprende uma língua estrangeira do nada. O seu sistema nervoso não é uma tábula rasa na qual o professor deve imprimir uma nova língua. O aluno já é dono de um sistema lingüístico, profundamente arraigado nêle, capaz de ajudá-lo ou capaz de impedir o aprendizado de um novo sistema lingüístico. Comparando a descrição lingüística da língua materna com uma descrição paralela da língua a ser ensinada, o professor e o autor de livros textos podem prever, de antemão, os pontos problemáticos que poderão surgir no ensino da língua estrangeira”.

Cada língua possui a sua própria estrutura. Não só existe a possibilidade de contrastar duas línguas no plano do significado. Para o professor, iniciado em lingüística, existe a possibilidade de, através de análises contrastivas, predizer as dificuldades que os falantes de uma língua terão, ao tentarem o aprendizado de uma outra. A sala de aula é um laboratório dos melhores no qual podemos descobrir que o aluno transfere para a língua estrangeira, todos os hábitos de pronúncia, de morfologia e sintaxe da língua materna. Todos nós professores de línguas estrangeiras, já nos damos conta do grande número de erros de pronúncia dos nossos alunos. Convém, tomarmos sobre nós, a difícil tarefa da análise destes erros de um modo sistemático, a fim de podermos explicá-los de um modo científico.

Paramos aqui com a enumeração de vantagens que podem advir da Lingüística, para um proessor de idiomas estrangeiros.

Jack M. Stein já se referia à profissão de professores de línguas estrangeiras, chamando-a de “Amateur profession”⁴. E conclue William G. Moulton:

“É minha opinião que o ensino de línguas está condenado a continuar sendo uma profissão de amadores, enquanto não estiver fundado numa teoria lingüística compreensível, que sirva de base à prática do ensino”⁵.

Para conseguirmos um lugar mais concreto para a Lingüística nas escolas superiores do país, não devemos exigir mas convencer. Temos argumentos para tanto.

Todos admitem que o tempo devotado à Lingüística nas universidades do país, é extremamente exíguo. Admitimos, também, a necessidade de disciplinas que têm relação direta com a lingüística, tais como a lingüística social, etc. Várias universidades Americanas, a fim de atenderem a sede de informação do aluno nestes campos, já criaram cursos como “Lingüística e Psicologia”, “Lingüística e Antropologia”, “Língua e Cultura”, etc. Não sabemos, na realidade, o que estes cursos geminados resolvem. Uma experiência, por parte de uma das nossas universidades neste sentido, seria merecedora de todo o apoio.

Com um tempo reduzido para o estudo da Lingüística, que poderão fazer os nossos candidatos ao magistério de idiomas estrangeiros em relação ao material lingüístico que vem surgindo de tôdas as partes? Donald Lloyd fala em publicações que constituem “turning points”⁷ na Lingüística. De fato. No campo da Lingüística, surgiram autores que marcaram época. Um acervo extraordinário de conhecimentos teóricos foi-nos legado pelos lingüistas europeus. No campo prático, entretanto, são os americanos que mais merecem as atenções dos estudiosos da Lingüística. Eis uma relação de autores Americanos que consideramos de importância capital para aqueles que pretendem dedicar-se ao ensino do Inglês como língua estrangeira. Claro que esta relação de autores pode ser aumentada ou diminuída de acôrdo com o tempo disponível e as preferências pessoais.

Iniciamos com Bloomfield que tem, no campo da Lingüística, uma influência semelhante àquela de Shakespeare e da Bíblia na literatura Inglesa posterior.

O livro “Language” traz as idéias básicas da Lingüística Antropológica, predominante na América pelos anos de 1930. Bloomfield dá as regras clássicas que servirão de base às análises lingüísticas posteriores.

Os pontos principais de “Language”: fonética, fonêmica (morfologia) e sintaxe, complementados pelos temas: fala e escrita, língua e sociedade, língua e significado podem, mesmo 30 e tantos anos após a sua publicação, orientar um programa de ensino de língua estrangeira.

Bloomfield é um clássico dos Lingüistas estruturais pelo fato de admitir que a descrição de um sistema lingüístico é a base para o estudo do significado. Os nossos candidatos ao magistério vão encontrar inúmeras críticas a Bloomfield, especialmente, por parte daqueles que admitem nêle, uma falta de consideração pelo significado. Bloomfield, simplesmente inverteu uma ordem tradicional. A sua ordem é estrutura-significado. A ordem tradicional era significado-estrutura.

Usufruimos hoje nas salas de aula, o resultado do trabalho árduo dos seguidores de Bloomfield, que tomaram sobre si o trabalho de descrever os fonemas e morfemas segmentais, partindo, em seguida, para a descrição de sistemas gramaticais.

Lá pelo ano de 1950, a descrição das unidades fonêmicas de várias línguas já era um fato. As descrições morfêmicas e sintáticas também começaram a surgir.

Pike revelou ao mundo que línguas como o próprio inglês, apresentam qualidades tonais como a duração, acentuação e altura. Pike também é o pai da "tagmêmica" que deve ser algo familiar aos candidatos ao magistério. Esta, a tagmêmica, encara a frase como um composto de um certo número de "tagmemas" ou "segmentos funcionais", consistindo cada segmento de uma "casa funcional", com os ocupantes da função. A teoria tagmêmica diz ao professor de línguas estrangeiras que frases como "John hit the boy" e "the boy is playing with a ball", tem a mesma estrutura básica. Nenhuma novidade até aqui. Ocorre simplesmente a sucessão sujeito, verbo, objeto. Como professores de idiomas estrangeiros estamos por demais familiarizados com tal nomenclatura. A teoria tagmêmica também se encontra na base de todos os exercícios de pronúncia que tomam como ponto de partida, os padrões frasais. A utilidade da teoria tagmêmica para os professores de línguas estrangeiras funda-se no que afirmou o próprio Pike:

"Ela está implícita em tôdas as gramáticas práticas, escritas nos últimos cem anos" — "implicit in every practical grammar written for hundred years" 8.

E Pike continua:

"A especificação do método e o rigor resultante com o qual processos analíticos podem aplicar a teoria, são basicamente novos". Até hoje, professores de idiomas têm aplicado a tagmêmica de um modo intuitivo. Nós professores, necessitamos uma compreensão melhor da teoria de Pike a fim de podermos explorá-la na sua plenitude.

Trager e Bloch analisaram certos "feixes de sons" que acompanham as pausas, chamando-as de "juncturas". Livros textos, e inúmeros estudos foram sugeridos pelos "tonemas" de Pike e as "juncturas" de Trager e Bloch.

Para aqueles que pretendem dedicar-se ao ensino do Inglês como língua estrangeira, mencionamos aqui os nomes de Trager e Smith com o "Outline of English Structure", pequeno em tamanho mas de efeitos incomensuráveis.

Trager e Smith introduziram na América o verdadeiro conceito de "análise de um sistema". Tornaram-se categóricos em afirmar que cada nível estrutural pode ser descrito independentemente. Apresentaram uma descrição completa do sistema fonêmico do Inglês, esboçando, em seguida, um modelo de sua análise morfêmica, finalizando com uma pequena introdução à sintaxe.

O "Outline" merece ser estudado pelos candidatos ao magistério de idiomas estrangeiros pelos inúmeros méritos que teve. Apresentou soluções fonêmicas que, até hoje, suportam toda e qualquer crítica e contradição. As vogais longas e curtas e aos ditongos da fonética clás-

sica, Trager e Smith opuseram nove vogais simples e três "glides" ou "semivogais" que podem seguir as nove vogais, formando com elas, um núcleo complexo. Os "tonemas" de Pike, no "Outline" de Trager e Smith, passaram ao "status" de fonemas de acentuação (4), de altura (4), e de junctura (3).

Trager e Smith definiram a palavra como um complexo de, pelo menos, três morfemas: segmentais, altura e acentuação. Outros pontos do "Outline" podem ser estudados pelos candidatos ao magistério.

Em 1958, um novo livro, com o modesto título de "Syntactic Structures" veio à luz; Noam Chomsky era o seu autor. O tema de Chomsky parecia uma ordem e continua uma ordem: formular modelos de estruturas lingüísticas. Se conclusões inaceitáveis resultam do modelo formulado, Chomsky aconselha a sua substituição por um outro. Para Chomsky não existe um modelo "aproximadamente certo". O modelo deve "gerar" frases reais. No "Syntactic Structures", Chomsky encontra os seus modelos na lógica simbólica. Proceda de um modelo abstrato e dedutivo. Longe dos fatos estabelece regras sobre a ciência dos fatos.

Os nossos candidatos ao magistério poderão notar que Chomsky contradiz os lingüistas antropológicos, que partem do fato para as conclusões.

Chomsky submete uma fórmula matemática, rigorosamente imaginada à prova dos fatos. A gramática de Chomsky é uma espécie de máquina impulsionada pela lógica, que produz frases à moda do falante nativo.

Uma gramática chomskyana, completa, deveria ser capaz de produzir um número infinito de frases, tôdas aceitáveis por um falante nativo.

A gramática de Chomsky produziria uma língua imutável e novas fórmulas deveriam substituir as antigas, após as transformações que cada sistema lingüístico sofre, no decorrer dos anos.

Qual o valor da gramática de Chomsky para um professor de idiomas estrangeiros? É um brinquedo ou é algo de sério?

Pouco valor, foi, no início atribuído ao trabalho que iniciou com o "Syntactic Structures". A máquina geradora de frases, exige a simplicidade. Ora, algo simples, só pode gerar algo simples. Para o ensino de um sistema lingüístico, que à primeira vista parece um caos, tudo o que pode contribuir para a simplificação, deve ser aceito e cuidadosamente examinado. Chomsky condena o complexo, o detalhe inútil, a desordem e mostra que as frases básicas (kernel sentences), se transformam em outras frases comuns. Fato interessante. Os lingüistas, às vezes, descobrem aquilo que professores de idiomas já praticavam. É uma teoria segura que, em geral, falta como base à atividade didática. O conceito chomskyano de transformação, também não é novo aos professores. Todos já ensinamos a voz passiva como uma transformação da voz ativa. Que o candidato ao magistério veja em

Chomsky o desenvolvimento de uma teoria gramatical que considera as transformações como uma parte fundamental da estrutura lingüística. Creemos que um futuro desenvolvimento desta gramática, poderá fazer da mesma, um auxiliar precioso do mestre de idiomas numa sala de aula. E eis aqui o conselho de W. G. Moulton:

"To the very courageous language teacher I would even say right now: read up on transformation grammar and see whether we, with our experience in foreign language teaching, cannot make important contributions to it" ¹⁰.

As descobertas dos lingüistas do valor dos que acabamos de citar, devem, certamente, ter um lugarzinho numa sala de aula. Não vamos dar aos candidatos ao magistério a idéia de apresentar as idéias de Bloomfield, Pike, Trager, Smith, numa aula de secundaristas. O importante é que todo o material didático, à disposição do professor e do aluno, seja baseado sobre a descrição lingüística mais moderna e acurada. Não temos o direito de alimentar os nossos alunos com o pão mofado de conceitos lingüísticos arcaicos e material didático antiquado. O professor de idiomas estrangeiro não pode parar. Não podemos admitir que, no futuro, Filósofos, Psicólogos, Sociólogos, Antropólogos, Professores de lógica, Matemática ou Engenheiros tenham a palavra final no campo da Lingüística.

Os professores de idiomas estrangeiros têm aproveitado, nos últimos anos, do interesse demonstrado por lingüistas "puros" neste campo de atividade. Nos Estados Unidos verificamos o fato assaz interessante de professores de inglês ou de Literatura Inglesa que, achando a Lingüística matéria interessantíssima, abandonaram o ensino do Inglês e da Literatura Inglesa para tornar-se lingüistas no pleno sentido da palavra.

Um outro plano de estudos para os nossos candidatos ao magistério de línguas estrangeiras seria familiarizá-los com o pensamento lingüístico que orienta os autores modernos. Poderíamos assim fazer um estudo da:

- 1 — Escola Fonológica como Hill, Smith e Trager, etc.;
- 2 — Da Escola Tagmêmica com Pike, Longacre, etc.;
- 3 — Da Escola dos Constituintes imediatos com Fries, Hockett e
- 4 — finalmente da Escola Generativa-Transformacional com Chomsky, Lees e outros.

Os candidatos ao magistério encontram um grave problema no fato de a Lingüística moderna não apresentar um corpo de doutrina monolítico.

Os estudantes devem acostumar-se ao fato de que um livro jamais poderá abordar todos os pontos e tôdas as idéias já ventiladas no campo da Lingüística. As teorias, às vêzes, estão em franco conflito. Temos a impressão de que certos lingüistas são canonizados após a pu-

blicação do primeiro artigo. Outros são sumariamente julgados e executados pela opinião pública.

A luta surda entre lingüistas existe. O "Outline" de Trager e Smith, pelo fato de apresentar um "overall pattern", é considerado como inaplicável, porque a convicção inglesa é que no ensino de idiomas, os alofones têm a importância dos fonemas. Lingüistas ingleses, aliás, jamais aceitaram a fonêmica como a melhor descrição do inglês para finalidades didáticas.

O próprio lugar da Lingüística no ensino de idiomas estrangeiros provoca opiniões divergentes entre ingleses e americanos. Os americanos acentuam o papel da lingüística no ensino das línguas estrangeiras, ao ponto de, vários professores já terem um treinamento (estrutura) de Lingüística Estrutural. Os ingleses desenvolveram métodos, excluindo em grande parte a lingüística do treinamento de professores. Os americanos partem da estrutura rumo ao significado. Os britânicos consideram o significado como o centro de qualquer estudo lingüístico. Como resultado, para os ingleses, o fato lingüístico é por natureza significativo.

Chomsky, por exemplo, sofre ataques contínuos.

Moulton, quando se refere à tagmêmica de Pike, acaso não fala em "another new theory of grammar goes by the forbidding name of tagmemics" ¹¹. Traduzindo "Uma outra teoria de gramática responde pelo nome proibitivo de tagmêmica".

Os nossos candidatos ao magistério, certamente encontram uma série de problemas no estudo de certas análises lingüísticas já existentes. Estas análises, nem sempre trazem pontos convergentes. A própria terminologia dos lingüistas, em geral, diverge.

O professor de idiomas estrangeiros não pode dar-se o luxo de ignorar as descobertas dos mestres. Também não tem o direito de rejeitá-las porque elas divergem nos seus detalhes. Numa sala de aula, um professor de idiomas, sem conhecimentos lingüísticos, ou sem assistência lingüística, é um alquimista, no mais legítimo sentido da palavra.

E para terminar lembremo-nos que o professor de idiomas estrangeiros tem a obrigação de incorporar ao ensino as descobertas dos lingüistas como o médico tem a obrigação de incorporar no tratamento dos seus clientes, as descobertas dos cientistas.

NOTAS

¹ Moulton, William G., "Applied Linguistics in the Classroom", ENGLISH TEACHING NEWSLETTER, number 3, p. 2.

² "Linguistic Reporter", Fevereiro 1963.

- 3 Sirevens, P. D., *Papers in Language and Language Teaching*, Oxford University Press, p. 73.
- 4 Lado, Robert, "Language Learning, Special Issue", University of Michigan Press, 1961, p. 33.
- 5 Stein, Jack M., *The German Quarterly*, XXXI (1958), 133-137.
- 6 Moulton, William G., *op. cit.*, p. 8.
- 7 Loyd, Donald J., "Pure and Applied Linguistics: An Overview", *First Perspectives on Language*, American Book Company, New York, p. 63.
- 8 Pike, Kenneth L., "Tagmemic Theory", *General Linguistics*, II (1957, 35-40).
- 9 Pike, Kenneth L., *op. cit.*, p. 3541.
- 10 Moulton, William G., *op. cit.*, p. 7.
- 11 Moulton, William G., *op. cit.*, p. 7.